

## **8. A VARIAÇÃO DO APREÇO PELOS EMIGRANTES**

Antes de concluir esta dissertação, propomo-nos ensaiar, neste derradeiro e mais vincadamente estatístico de todos os capítulos, um exercício de análise que nos permita, por um lado, condensar a informação exposta nas páginas precedentes e, simultaneamente, esboçar um modelo possível para a interpretação da variação do apreço dos residentes inquiridos pelos emigrantes.

Passamos a incorporar, neste quadro, variáveis que até aqui tinham permanecido arredadas da análise, tais como a idade, o sexo, a residência, a origem geográfica, a relação com a emigração, a profissão e a escolaridade do pai, a propriedade do alojamento e o número de automóveis possuídos. Acopladas com a profissão e o nível de ensino do inquirido, compõem, em conjunto, o espectro dos factores retidos como mais pertinentes para a construção do referido modelo explicativo. Tentaremos, na medida do possível, testar, caracterizar, articular e ponderar os seus efeitos, directos e de interacção, sobre a "distância social" face aos emigrantes patenteada pelas diversas categorias de residentes contempladas neste estudo.

Valer-nos-emos, para este propósito, da análise multivariada de variância, o que implica a prévia elaboração duma escala que nos possibilite sondar, pelo menos de forma ordinal, o comportamento daquilo que pretendemos explicar, ou seja, a variação do apreço pelos emigrantes.

### **8.1. A construção duma escala de distância social**

Ciosos do manancial de informação de que dispúnhamos e que importava sintetizar de modo adequado, observámos os seguintes passos na construção dessa escala e, subsequentemente, no cálculo do respectivo índice:

Seleccionámos todos os adjectivos e todas as frases, atinentes aos emigrantes, que figuram nas questões 42 e 45 do inquérito aos residentes. Excluímos, porém, aqueles cuja orientação valorativa -positiva ou negativa- resultava equívoca ou duvidosa<sup>1</sup>. Retivemos, assim, um total de 41 adjectivos e frases (18+23). A ambos os tipos correspondem, no questionário, escalas comportando quatro gradações ordenadas. Transformámo-las, ponderando-as como segue:

"Concordância total" ou "Muito" (1) .....	+1,5
"Concordância parcial" ou "Razoavelmente" (2) .....	+0,5
"Discordância parcial" ou "Pouco" (3) .....	-0,5
"Discordância total" ou "Muito pouco" (4) .....	-1,5

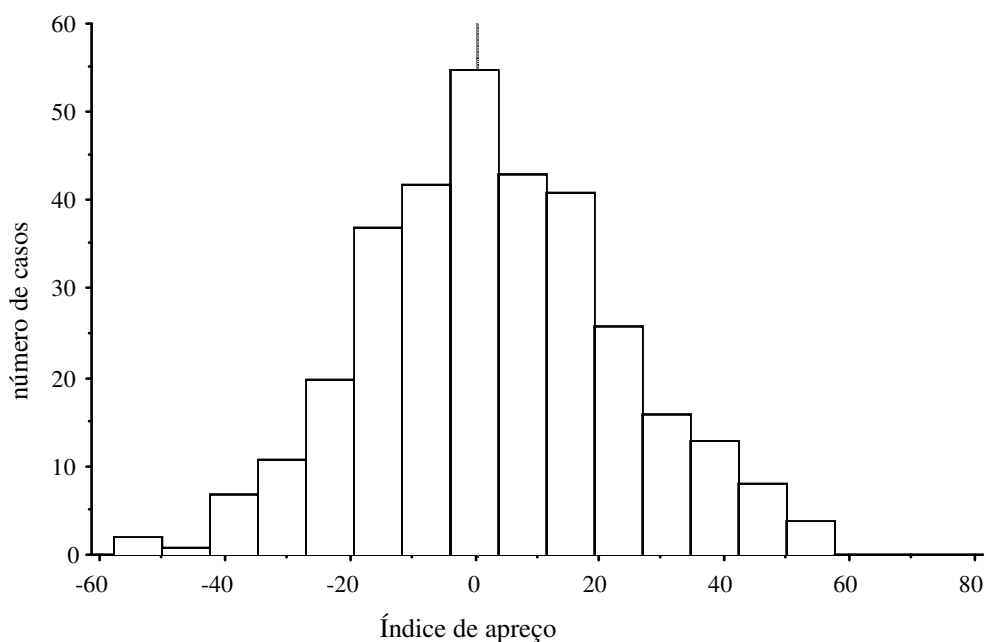
No caso dum adjectivo ou frase com orientação negativa<sup>2</sup>, apenas se invertem os sinais.

O índice do apreço pelos emigrantes é obtido através da soma de todas as pontuações correspondentes às respostas dadas ao conjunto dos adjectivos e frases seleccionados para a composição da escala. Esta apresenta uma amplitude que vai de -61,5, *score* mínimo indicativo da menor valoração e, logo, maior distanciação social possível face aos emigrantes, e +61,5, *score* máximo correspondente à maior valoração e, portanto, menor distanciação social possível face aos emigrantes.

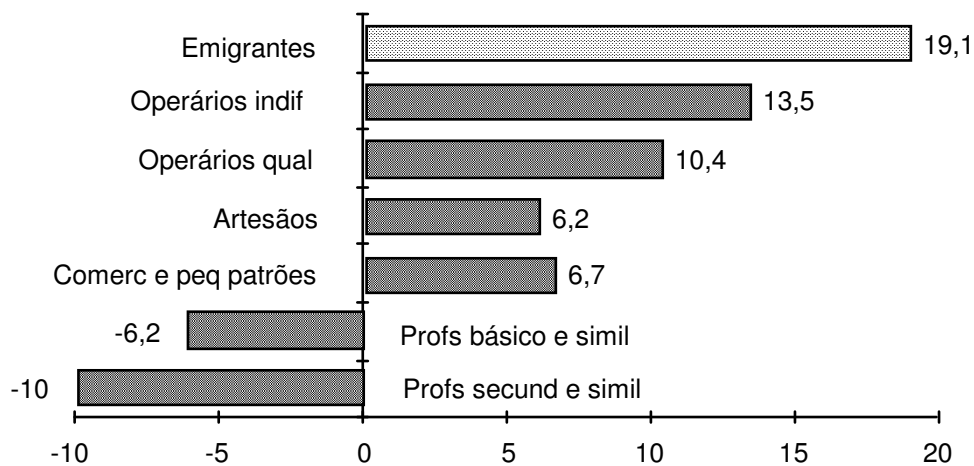
**Gráfico XIII: Distribuição do índice de apreço pelos emigrantes entre os residentes inquiridos**

<sup>1</sup>Pertencem a este rol de excepções preteridas os seguintes adjectivos e frases: "Ambiciosos"; "Os emigrantes são pessoas endinheiradas"; "Reconhece-se facilmente um emigrante"; "Há muita gente que inveja os emigrantes"; "Os emigrantes já não pensam tanto em regressar como dantes"; "Em Portugal, há muita gente que se aproveita dos emigrantes"; "Os emigrantes trazem ideias e maneiras de ser novas"; "Os portugueses residentes recebem bem os emigrantes que vêm de férias".

<sup>2</sup>Tais como, por exemplo, "exibicionistas", "teimosos", "os emigrantes são um perigo na estrada" ou "os carros dos emigrantes são mal empregues nas mãos deles".



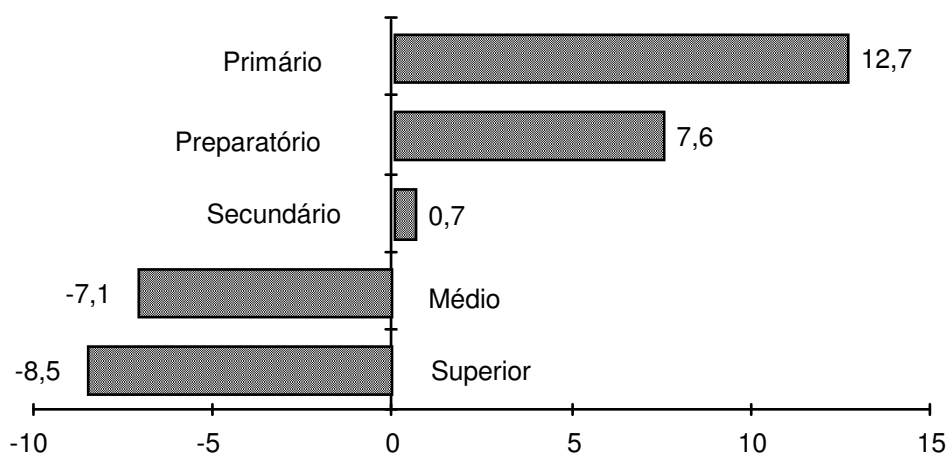
**Gráfico XIV:** Médias do índice de apreço por categorias socioprofissionais<sup>1</sup>



**Gráfico XV:** Médias do índice de apreço por níveis de ensino frequentados<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Os efectivos são os seguintes: operários "indiferenciados", 40; operários "qualificados", 66; artesãos, 31; comerciantes e pequenos patrões do comércio e da indústria, 67; professores do básico, profissões intermediárias da saúde e da segurança social e similares, 80; professores do secundário, profissões científicas e similares, 41.

<sup>2</sup>Os efectivos são os seguintes: primário, 125; preparatório, 44; secundário, 35; médio, 64; superior, 58.



Não obstante algumas deficiências e irregularidades<sup>1</sup>, o índice adoptado afigura-se-nos, pelo menos a título indicativo, bastante aceitável, adequado e útil para os objectivos que nos propomos atingir. Quer pelo seu perfil -registre-se a "normalidade" do histograma da sua distribuição- quer pela forma como se ajusta aos fenómenos observados e aos resultados, entretanto, recolhidos durante a pesquisa (ver gráficos XIII a XIV).

**Quadro XLV - Variação do índice de apreço pelos emigrantes por profissão e nível de ensino (valores médios por célula)**

Boa opinião dos emigrantes	Básico	Secundário	Médio ou Superior	TOTAIS
Operário	<b>13,2</b> (95)	<b>-2,3</b> (11)	--- 0 (0)	<b>11,6</b> (106)
Independente	<b>9,2</b> (74)	<b>0,4</b> (22)	-15,0 (3)	<b>6,5</b> (99)
Diplomado	--- (0)	-3,0 (2)	<b>-7,6</b> (119)	<b>-7,5</b> (121)

<sup>1</sup>A arquitectura desta escala assim como o uso que vai ser feito do respectivo índice enfermam de alguns procedimentos estatísticos menos correctos e até ilegítimos. As escalas que lhe servem de base e de ponto de partida são ordinais, não são nem racionais nem sequer de intervalos, o que, em princípio, não autoriza operações do género daquelas a que deitámos mão, designadamente a adição e a divisão e, por conseguinte, o cálculo de médias. Por outro lado, ao atribuirmos, na elaboração do índice, o mesmo peso a todos os adjetivos e frases, estamos a pressupor algo que não corresponde à realidade, ou seja que todos encerram idênticas cargas valorativas. Estes reparos assinalam limitações e distorções que não conseguimos superar e que, de modo algum, convém olvidar.

TOTAIS	<b>11,4</b> (169)	<b>-0,7</b> (35)	<b>-7,8</b> (122)	3,0 (326)
--------	----------------------	---------------------	----------------------	--------------

O comportamento deste índice espelha, de facto, com bastante fidelidade, algumas das tendências mais marcantes que se foram delineando através da análise, uma a uma, das variáveis nele sumariadas: uma notável divisão dos residentes no que toca à valorização dos emigrantes, acompanhada por uma não menos acentuada diferenciação conforme a profissão ou o nível de ensino dos inquiridos (ver quadro XLV). No que respeita às diversas categorias socioprofissionais observa-se a gradação que, face aos resultados recolhidos, seria de esperar: o apreço pelos emigrantes, elevado entre os operários (11,6), diminui nos independentes (6,5) e atinge, por fim, um valor mínimo, negativo, entre os diplomados (-7,5). Verifica-se algo de semelhante com o nível de ensino: a maior pontuação corresponde aos inquiridos que frequentaram apenas a escolaridade elementar (11,4) e a menor aos que prosseguiram estudos médios ou superiores (-7,8); entre ambos, situam-se aqueles que se quedaram pelo secundário (-0,7). Tal como nas tabelas do capítulo precedente, os valores extremos cabem aos operários com ensino básico (13,2) e, no lado oposto, aos diplomados com estudos médios ou superiores (-7,6).

## 8.2. Esboço dum modelo explicativo

### 8.2.1. A profissão e o nível de ensino

Destriçar e avaliar as influências respectivas da profissão e do nível de ensino deparou-se-nos, amiudadas vezes, como um desafio de difícil resolução. O recurso à análise multivariada de variância abre-nos uma possibilidade de o equacionar<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Este tipo de análise assenta, fundamentalmente, na comparação de três ordens de variações características duma determinada distribuição: a "*variação total*" da variável dependente que, por sua vez, se decompõe na "*variação observada entre grupos*" (explicada pela variável independente) e na "*variação verificada dentro dos grupos*" ("erro", "variância residual ou não explicada", imputável a outros factores que não a variável independente). A *variância entre grupos* é dada pela soma dos desvios

Como pudemos averiguar pelos índices de contingência, tanto a profissão como o nível de ensino exibem, isoladamente, ligações bastante fortes com as atitudes e opiniões respeitantes aos emigrantes. A análise de variância simples não pode senão confirmar este "dado adquirido".

**Quadro XLVI: Análise de variância do índice de apreço com a profissão como factor.**

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	Teste F
Entre grupos	2	21 157,73	10 578,87	29,86
Dentro dos grupos	323	114 436,58	354,29	p=,0001
Total	325	135 594,31		

No que se refere à profissão, verifica-se, numa primeira leitura, uma ligação directa, assaz forte e significativa, com o índice de apreço pelos emigrantes. Registam-se, de facto, diferenças notáveis entre os três grupos de profissões: uma fissura pronunciada separa os diplomados dos demais (ver quadros XLV e XLVI). A quota de variação "explicada" pela repartição por categorias socioprofissionais é apreciável, o que se reflecte, aliás, num valor de F deveras elevado, a probabilidade de a relação não ser significativa revelando-se inferior a 0,0001.

**Quadro XLVII: Análise de variância do índice de apreço com o nível de ensino como factor.**

---

quadrados das médias dos grupos em relação à média global; a *variância no interior dos grupos* prende-se com a soma dos desvios quadrados de cada elemento em relação à média do grupo a que pertence; a *variância total* (a explicar) corresponde à soma da variância entre grupos (i.e. explicada) com a variância dentro dos grupos (i.e. por explicar). Estes são os valores que estão na base da análise de variância. A partir deles, calculam-se os restantes, ou seja, os *quadrados médios entre grupos e dentro dos grupos*, assim como o rácio "F" empregue nos testes de significância. Obtem-se o quadrado médio entre grupos dividindo a variância entre grupos pelos *graus de liberdade entre grupos* (=número de grupos menos 1); calcula-se o quadrado médio dentro dos grupos dividindo a variância dentro dos grupos pelos *graus de liberdade dentro dos grupos* (=soma de número de casos - número de grupos). O valor "F" é igual à divisão do quadrado médio entre grupos (variância explicada) pelo quadrado médio dentro dos grupos (variância não explicada). A sua leitura na respectiva tabela indica-nos até que ponto é significativa a relação entre as variáveis independente e dependente. J. Manuel NAZARETH faculta-nos uma introdução deveras pedagógica a esta técnica de análise de dados na sua *Introdução aos métodos quantitativos em ciências sociais*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1981, pp. 55-64. Ver, também, BLALOCK, Hubert M., *Estatística social*, 1ª ed. 1960, Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1966, pp. 332-376 e BRYMAN, A. e CRAMER, D., *Análise de dados em ciências sociais*, 1ª ed. 1990, Oeiras, Celta, pp. 176-189.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	Teste F
Entre grupos	2	25 005,60	12 502,80	36,52
Dentro dos grupos	323	110 588,70	342,38	p=,0001
Total	325	235 594,31		

A ligação aparece, todavia, ainda mais intensa no caso do nível de ensino. A maior cesura opera-se agora entre aqueles que se ficaram pelo básico e os que o ultrapassaram (ver quadro XLV). Mas esta distribuição dá, sobretudo, conta de mais variação do índice de apreço: F atinge um valor sensivelmente maior (ver quadro XLVII).

Estes resultados preliminares pendem no sentido do nível de ensino ser mais importante do que a profissão na apreensão das atitudes dos residentes face aos emigrantes. Mas, para lograr supesar as influências específicas e os efeitos de interacção destas duas variáveis, a análise deve tornar-se mais fina e projectar-se além das simples ligações directas, isoladamente captadas.

O primeiro passo consiste em tomarmos em conjunto as três variáveis: nível de estudo, profissão e índice de apreço. Para tal, vêmo-nos compelidos a restringir a análise apenas aos inquiridos operários ou independentes, com o ensino básico ou secundário. A razão é dupla: por um lado, os diplomados e os que frequentaram cursos médios ou superiores confundem-se praticamente, uns e outros tendem a ser os mesmos, o que impossibilita qualquer tentativa de destrição; por outro lado, a persistir na inclusão destas categorias, a análise de variância perderia viabilidade devido à aparição de células vazias (correspondentes aos diplomados só com o ensino básico e aos operários com estudos médios ou superiores).

No quadro XLVIII podemos constatar que, uma vez considerada a escolaridade, a influência do factor profissão sobre o índice de apreço se esbate, acabando mesmo por se manifestar ínfima. A sua contribuição não atinge, nem directamente nem por interacção, os patamares mínimos de significância requeridos por uma análise sociológica: os valores de F fixam-se abaixo da unidade e os respectivos riscos de erro

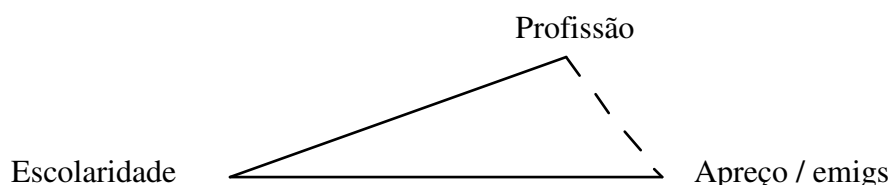
elevam-se a 0,8006 e 0,3311, muito distantes, sublinhe-se, dos obtidos pelo nível de ensino ( $F=10,53$  e  $p=0,0014$ ).

**Quadro XLVIII:** Análise de variância do índice de apreço com a profissão e o nível de ensino como factores (apenas operários e independentes com o básico ou o secundário)

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	F	P
Profissão (A)	1	21,31	21,31	,064	,8006
N. de Ensino (B)	1	3 507,24	3 507,24	10,53	,0014
AB (interacção)	1	316,18	316,18	,949	,3311
Erro	198	65 959,76	333,13		

Retornando à leitura do quadro XLV, podemos comprovar como, de facto, o efeito da profissão se apaga perante o predomínio da escolaridade. A nível de ensino igual, a variação produzida pela profissão apresenta-se deveras negligenciável: no básico, quando se passa dos operários para os independentes, a média do índice de apreço desce de 13,2 para 9,2 (diferença de 4 pontos) e, no secundário, sobe de -2,3 para 0,4 (2,7 pontos). O mesmo já não se pode dizer do nível de ensino. A profissão igual, a variação explicada pelo nível de ensino afirma-se considerável: do básico para o secundário, entre os operários, a média desce de 13,2 para -2,3 (15,5 pontos de diferença) e, entre os independentes, de 9,2 para 0,4 (menos 8,8 pontos).

**Gráfico XVI:** Esquema das relações entre o nível de ensino, a profissão e o índice de apreço pelos emigrantes



Em suma, num modelo explicativo do apreço pelos emigrantes que inclua o nível de ensino, a profissão acrescenta muito pouca informação àquela que esse factor, só por si, consegue proporcionar. Estes resultados sugerem que nos encontramos



perante uma variável espúria: a ligação directa, isolada, da profissão com o índice de apreço pelos emigrantes parece provir menos dum qualquer efeito específico e mais do facto de ser "covariável" com o nível de ensino. É desta "correlação" que lhe advém o "seu" efeito sobre o apreço pelos emigrantes (ver gráfico XVI)<sup>1</sup>.

### 8.2.2. O sexo e a idade

Se a profissão redundava em variável espúria, no que concerne ao sexo e à idade nem sequer uma ligação directa se vislumbra. A variação do apreço dos residentes inquiridos pelos emigrantes aparenta ser claramente independente destas duas coordenadas.

**Quadro XLIX:** Análise de variância do índice de apreço com o sexo como factor.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	Teste F
Entre grupos	1	983,02	983,02	2,37
Dentro dos grupos	324	134 611,29	415,47	p=,1250
Total	325	135 594,31		

No que se refere ao sexo, o valor médio do índice é de 4,32 nos homens, descendo para 0,75 nas mulheres. Contudo, como se pode verificar no quadro XLIX, esta diferença não deve ser considerada significativa (p=0,125). Insuficiente, esta ténue variação desvanece-se ainda mais com a introdução da escolaridade e da residência como variáveis adicionais. Assinalados nos quadros L e LI, os níveis de significância dos efeitos próprios e por interacção da variável sexo resultam irrisórios. As diferenças que lhe são imputáveis, sempre abaixo de dois pontos, revelam-se mínimas. Somos, por conseguinte, conduzidos a concluir uma ausência de relação entre o sexo e o apreço pelos emigrantes: este parece, efectivamente, não depender daquele.

<sup>1</sup>Procedemos a alguns testes adicionais à espuriedade da profissão mediante análises de variância de 2º grau, acrescentando ora a residência, ora a relação com a emigração, ora a profissão, ora a escolaridade do pai, como terceiro factor. Os valores de F atinentes à profissão mantêm-se sempre inferiores à unidade.

**Quadro L:** Análise de variância do índice de apreço com o sexo, o nível de ensino e a residência como factores<sup>1</sup>.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	F	P
N. de ensino (A)	1	14 834,25	14 834,25	45,03	,0001
Residência (B)	1	3 801,89	3 801,89	11,54	,0008
AB	1	1 207,93	1 207,93	3,67	,0564
Sexo (C)	1	114,12	114,12	0,35	,5566
AC	1	58,81	58,81	0,18	,6729
BC	1	168,52	168,52	0,51	,4750
ABC	1	344,30	344,30	1,05	,3074
Erro	318	104 769,29	329,46		

**Quadro LI:** Tabela de incidência dos factores sexo, nível de ensino e residência sobre o índice de apreço

Residência: Sexo:		Braga		Melgaço		Totais:
		M	F	M	F	
N. ensino	básico	67 14,134	28 21,25	67 4,881	7 3	169 11,183
	>básico	44 -4,455	61 -4,82	23 -9,087	29 -7,862	157 -5,904
Totais:		111 6,766	89 3,382	90 1,311	36 -5,75	326 2,954

Contrariamente às expectativas iniciais, com a idade acontece algo de semelhante. A índole das variáveis permitindo-o, procedemos a uma análise de regressão simples, obtendo os seguintes resultados: coeficiente de correlação de Pearson, 0,025; F, 0,201; p, 0,6542. Não existe, portanto, correlação digna de nota<sup>2</sup>.

### 8.2.3. A propriedade do alojamento e de automóveis

<sup>1</sup>Uma vez abordado o problema da profissão, a análise volta a incidir sobre a totalidade dos inquiridos. Passamos também a repartir a escolaridade em dois níveis: até ao básico e para além do básico (secundário, médio e superior).

<sup>2</sup>Não fosse dar-se o caso de o efeito de idade, encoberto aquando da ligação imediata, emergir mediante a introdução de variáveis teste, dividimos os inquiridos por três grupos etários e ensaiámos várias análises de variância diversificando e multiplicando os factores adicionais. Num aspecto, pelo menos, foram unânimes: a confirmação da ausência de ligação. O apreço pelos emigrantes não depende da idade.

A exemplo da idade e do sexo, tão pouco se entrevê uma ligação directa significativa entre a propriedade do alojamento e o índice de apreço pelos emigrantes. Mesmo à luz duma simples análise de variância, a associação entre estas variáveis manifesta-se

**Quadro LII:** Análise de variância do índice de apreço com a propriedade do alojamento como factor.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	Teste F
Entre grupos	2	1 247,14	623,57	1,50
Dentro dos grupos	323	134 347,17	415,94	p=,2249
Total				

incipiente: o teste de significância (ver quadro LII) rejeita tal hipótese ( $F=1,50$  e  $p=0,2249$ ) ao mesmo tempo que as diferenças entre as médias, expressas no quadro LIV, se mostram diminutas: proprietários, 2,16; em acesso à propriedade, -0,87; não proprietários, 4,75. Esta, já por si escassa, capacidade explicativa da propriedade do alojamento acaba por se apagar com a introdução do nível de ensino como variável suplementar. No quadro LIII,

**Quadro LIII:** Análise de variância do índice de apreço com a propriedade do alojamento e o nível de ensino como factores.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	F	P
N. de ensino (A)	1	13 002,54	13 002,54	37,35	,0001
Prop. casa (B)	2	75,16	37,58	0,11	,8977
AB (interacção)	2	358,86	179,43	0,52	,5977
Erro	320	111 389,83	348,09		

**Quadro LIV:** Tabela de incidência dos factores propriedade do alojamento e nível de ensino sobre o índice de apreço

N. de ensino:		básico	>básico	Totais:
Prop. do alojito	Proprietário	64 11,328	62 -7,306	126 2,159
	Acesso prop.	12 7,583	34 -3,853	46 -,87
	Não propriet.	93 11,548	61 -5,623	154 4,747
Totais:		169 11,183	157 -5,904	326 2,954

referente a este novo cenário, os níveis de significância relativos à propriedade do alojamento tornam-se deveras irrisórios:  $F=0,11$ ;  $p=0,8977$ . O mesmo sucede com os valores correspondentes à interacção com o nível de ensino:  $F=0,52$ ;  $p=0,5077$ . Paralelamente, a leitura do quadro LIV confirma-nos que, não se alterando o nível de ensino, a propriedade do alojamento pouca diferença faz.

Com a propriedade, agora, de automóveis acontece algo de semelhante ao ocorrido com a profissão: uma primeira análise, simples e directa, da sua relação com o apreço pelos emigrantes diagnostica a existência duma ligação, para além de significativa, intensa. As médias do índice de apreço sofrem variações bastante acentuadas em função do número de veículos possuídos: nenhum, 11,13; um, -0,32; dois, -0,5; três ou mais, 6,7 (ver quadro LVII). O valor de  $F$  atinge 7,14 e a hipótese de associação é admissível com um risco de erro inferior a 0,0001 (ver quadro LV).

**Quadro LV:** Análise de variância do índice de apreço com a propriedade de automóveis.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	Teste F
Entre grupos	3	8 464,10	2 821,37	7,14
Dentro dos grupos	321	126 934,89	395,44	$p=,0001$
Total	324	135 399,00		

Mas a simples introdução do nível de ensino como variável adicional corrige esta primeira impressão. O efeito explicador atinente à propriedade de automóveis esbate-se por completo. Avizinhando-se do caso da profissão, a sua ligação com o

apreço pelos emigrantes acaba por se revelar espúria. Os valores de F, assim como as diferenças entre as médias, resultam, agora, "insignificantes" (ver quadro LVI e LVII).

**Quadro LVI:** Análise de variância do índice de apreço com a quantidade de automóveis possuídos e o nível de ensino como factores.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	F	P
N. de ensino (A)	1	8 249,45	8 249,45	23,81	,0001
nº de carros (B)	3	1073,50	357,83	1,03	,3782
AB (interacção)	3	219,39	73,13	0,21	,8887
Erro	317	109 817,20	346,43		

**Quadro LVII:** Tabela de incidência dos factores quantidade de automóveis possuídos e nível de ensino sobre o índice de apreço

Nível de ensino:		básico	>básico	Totais:
nº de automóveis	zero	70 14,671	17 -3,471	87 11,126
	um	76 8,039	97 -6,866	173 -,318
	dois	14 9,571	38 -4,211	52 -,5
	□três	9 13,111	4 -7,75	13 6,692
	Totais:	169 11,183	156 -5,872	325 2,997

Esta "insensibilidade" do índice de apreço pelos emigrantes perante estas variáveis atinentes ao capital económico consolida a hipótese, já aqui adiantada, segundo a qual as atitudes e opiniões face aos emigrantes dependem, antes de tudo, do capital cultural, relevando mais duma lógica de grupos de *status*, e dos correspondentes estilos de vida, do que duma lógica, propriamente dita, de classes sociais.

#### 8.2.4. A residência: efeitos de lugar.

Entre os factores que mais significativamente interferem no no apreço dos residentes pelos emigrantes, encontra-se, logo a seguir ao nível de ensino, o local de residência. Mesmo preservando o nível de ensino inalterado, o seu efeito continua apreciável (ver quadros LVIII e LIX)<sup>1</sup>.

**Quadro LVIII:** Análise de variância do índice de apreço com o local de residência e o nível de ensino como factores.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	F	P
N. de ensino (A)	1	15 513,06	15 513,06	48,34	,0001
Residência (B)	2	6 040,62	3 020,31	9,41	,0001
AB (interacção)	2	1 575,50	787,75	2,46	,0875
Erro	320	102 683,73	320,89		

Duma forma global, o apreço pelos emigrantes tende a diminuir consoante transitamos da freguesia de S. Vítor (5,3) para a de Prado (2,8) e desta para a da Vila (-3,6). O valor máximo é alcançado pelos inquiridos menos letrados de S. Vítor (16,2) e o mínimo pelos inquiridos mais letrados da Vila (-14,6). Observa-se ainda um efeito de interacção: O impacte do nível de ensino difere de freguesia para freguesia, amenizando-se, consideravelmente, em Prado (diferença de 8,8 pontos contra 18,9 na Vila e 20,9 em S. Vítor -ver quadro LIX).

**Quadro LIX:** Tabela de incidência dos factores nível de ensino e freguesia de residência sobre o índice de apreço

Freguesia resid:		S.Vítor	Prado	Vila	Totais:
N. ensino	básico	95 16,232	34 6,382	40 4,325	169 11,432
	>básico	105 -4,667	23 -2,435	29 -14,586	157 -6,172
Totais:		200 5,26	57 2,825	69 -3,623	326 2,954

<sup>1</sup>Se tomarmos em conjunto a escolaridade e o local de residência, a variação do índice de apreço explicada pela origem geográfica, urbana ou rural, resulta escassa e muito pouco significativa (F=1,64 e p=0,2017). É por esse motivo que não é contemplada na composição do modelo explicativo.

Como compreender esta variação do índice de apreço pelos emigrantes em função do local de residência? Na impossibilidade de facultar um equacionamento cabal, permitimo-nos tatear algumas pistas plausíveis de interpretação.

Cada categoria reage ao que mais lhe toca. Para os menos letrados, a contrariedade mais apontada à presença dos emigrantes prende-se com a carestia de vida. Como já foi referido, a arrogância, a ostentação, a falta de mesura e demais pretensões fundadas numa sobrevalorização do dinheiro, ainda por cima desperdiçado, constituem tópicos maiores da crítica popular aos (ab)usos atribuídos aos emigrantes. São (d)efeitos que os afectam muito particularmente e que acabam por se repercutir, sensivelmente, nas suas próprias economias. A este propósito, sentenciam: "quem pode aproveita-se (dos emigrantes), quem não pode sofre as consequências". Já no que se refere aos mais letrados, tendem a ser outros os aspectos que, de forma muito especial, os preocupam: a aglomeração, a compressão, o contacto, a "barafunda e a balbúrdia", acoplados com as indesejadas transformações da morfologia e da ordem social.

Das três freguesias, a de S. Vítor surge como aquela onde a presença e a pressão dos emigrantes se fazem menos sentir, ao invés da freguesia da Vila onde a efervescência, o *stress* e as alterações decorrentes da afluência estival dos emigrantes culminam no seu ponto mais agudo: estes confluem, ininterruptamente, de todos os cantos do concelho, aqui se concentrando num impressionante efeito de confusa "superlotação". Mas não são apenas a presença e a compressão física, este ou aquele comportamento mais visível dos emigrantes, que afectam e marcam profundamente os habitantes de Melgaço. Acompanha-as um interminável cortejo de repercussões e ressonâncias de vária ordem, tanto prática como simbólica.

Cada categoria expõe-se de modo diverso e acusa a seu jeito, de forma específica, o impacto deste polivalente e multifacetado feixe de efeitos (míngua de produtos, inflação, catálise, concentração, saturação, fusão, inversão e desvalorização social). Estes fenómenos não sobrevêm do mesmo modo, nem com a mesma

intensidade e extensão, em cada uma das três freguesias consideradas. Tão pouco resultam vividos e percebidos da mesma forma pelos respectivos habitantes. Diferem não só os fenómenos mas também as reacções suscitadas<sup>1</sup>. *Grosso modo*, parecem ressentir-se mais os residentes de Melgaço do que os de Braga e os da Vila mais do que os de Prado. Os efeitos de lugar assumem-se, assim, deveras complexos: não só cada freguesia conhece experiências diversas do fenómeno emigratório como, por sua vez, cada nível de ensino reage de modo diferente a estas variações ecológicas.

O exacerbo depreciativo patenteado pelos mais letrados da freguesia de Vila pode, de certa maneira, derivar da conjugação duma distância social elevada com uma estreita proximidade física. A vizinhança no espaço físico de categorias distantes no espaço social tende a potenciar a radicalização e o extremismo das (o)posições: "somos assim conduzidos a questionar a crença segundo a qual a aproximação espacial de agentes muito afastados no espaço social pode, por si só, ter um efeito de aproximação social: de facto, nada se revela mais intolerável do que a proximidade física (vivida como promiscuidade) de pessoas socialmente distantes"<sup>2</sup>

O "desvio" protagonizado pelos mais letrados da freguesia de Prado pode, justamente, residir, entre outras razões, na combinação duma menor distância face aos emigrantes em dois planos distintos: o primeiro apela para a fenomenologia da interacção quotidiana, enquanto que o segundo remete para a sua peculiar composição social. Ao invés das freguesias de S. Vítor e da Vila, em Prado, a maioria dos emigrantes que se cruzam com os residentes compartilham com estes as mesmas memórias, os mesmos caminhos e os mesmos recantos locais, não lhes sendo, de modo algum, nem anónimos, nem incógnitos, nem sequer indiferentes. Regra geral, não

---

<sup>1</sup>Análises sistemáticas demonstraram que consoante o nível de ensino não são os mesmos os atributos que geram as maiores diferenças de freguesia para freguesia. Entre os menos letrados destacam-se os atributos alusivos ao dinheiro (e.g., "*os emigrantes fazem bom uso do dinheiro*" ou "*os emigrantes pensam que o dinheiro compra tudo*") enquanto que entre os mais letrados sobressaem os que evocam formas de convívio e cotejo (e.g., "*no Verão, os locais frequentados pelos emigrantes são locais a evitar*" ou "*deve-se apoiar as festas aos emigrantes*"). Para um estudo mais pormenorizado, ver GONÇALVES, Albertino, *A Definição Social dos Emigrantes...*, *op. cit.*, p. 355 e segs.

<sup>2</sup>BOURDIEU, Pierre, "Effets de lieu", in BOURDIEU, Pierre (dir.), *La misère du monde*, Paris, Éd. du Seuil, 1993, pp. 159-167, p. 166.



surgem como espécimes, mas, antes pelo contrário, como seres "apostrofados", familiares, amigos, conhecidos, irredutíveis na sua unicidade e individualidade. Demasiado próximos, a percepção propicia-se pouco a estereotipificações<sup>1</sup>. Por outro lado, os restantes factores que, a par da residência, também influem no apreço pelos emigrantes parecem, por seu turno, concorrer para atenuar a distância social e, por conseguinte, aumentar a estima face aos emigrantes por parte dos residentes mais letrados desta freguesia. Parte da sua "moderação" pode, muito bem, provir das características que os distinguem em termos de capital cultural, origem social e relação com a emigração. De facto, comparados com os residentes mais letrados das freguesias de S. Vítor e da Vila, os de Prado destacam-se, globalmente, como os menos escolarizados<sup>2</sup>, pela origem social, em termos de nível de ensino do pai, mais modesta<sup>3</sup> e, enfim, como aqueles que evidenciam maior vínculo com o fenómeno da emigração<sup>4</sup>.

Restringindo-nos aos parâmetros e limites do universo da pesquisa, somos conduzidos, pelo conjunto das observações empreendidas e dos resultados entretanto inferidos, a admitir a relevância dum "efeito ecológico". Mais, este efeito ecológico articula-se com o social, ambos agindo, contudo, em direcções opostas. Duma forma rudimentar, podemos formular a hipótese de que, no que respeita à Posição face aos emigrantes, quanto maiores forem a distância social e a proximidade física (em termos da repercussão, densidade e qualidade da sua presença), menor tende a ser o apreço que lhes é votado.

### **8.2.5. A origem social e a relação com a emigração**

---

<sup>1</sup>Sobre estas diversas formas de percepção, ver a obra de Alfred SCHUTZ, nomeadamente, *El problema de la realidad social*, op. cit.

<sup>2</sup>Apenas 17,4% dos mais letrados de Prado seguiram estudos superiores contra 31,0% na Vila e 42,9% em S. Vítor.

<sup>3</sup>21,7% dos pais dos mais letrados de Prado não completaram a instrução primária contra 6,9% dos da Vila e 12,4% dos de S. Vítor. Por outro lado, apenas 8,7% prosseguiram estudos para além do primário, contra 27,6% na Vila e 38,1% em S. Vítor.

<sup>4</sup>73,9% dos mais letrados da freguesia de Prado ou foram emigrantes ou têm familiares de primeiro grau que o foram ou ainda o são. Esta proporção desce para 55,2% na Vila e para 44,8% em S. Vítor.

Elucidados os efeitos do nível de ensino e do lugar de residência, restam-nos ainda por abordar dois factores também determinantes, mas em menor grau, do apreço pelos emigrantes: a origem social e a relação pessoal com a emigração. A sua introdução facultar-nos-á uma leitura, porventura, mais fina e ajustada dos efeitos cruzados das distâncias observadas tanto no espaço físico como no social.

A origem social, aferida através da escolaridade do pai<sup>1</sup>, repercute-se, apreciavelmente, no apreço dos inquiridos pelos emigrantes.

**Quadro LX:** Análise de variância do índice de apreço com a escolaridade, a residência, a relação com a emigração do inquirido e a escolaridade do pai como factores.

Fonte de variação	Graus de liberdade	Soma dos quadrados	Quadrados médios	F	P
<i>N. de ensino (A)</i>	1	5 996,91	5 996,91	18,83	,0001
<i>Residência (B)</i>	1	2 265,56	2 265,56	7,11	,0081
AB	1	355,77	355,77	1,12	,2914
<i>Rel. emigração (C)</i>	1	1 122,19	1 122,19	3,52	,0615
AC	1	114,91	114,91	0,36	,5485
BC	1	147,85	147,85	0,46	,4962
ABC	1	708,71	708,71	2,23	,1368
<i>Escolar. do pai (D)</i>	1	1 278,65	1 278,65	4,01	,0460
AD	1	11,67	11,67	0,04	,8484
BD	1	3,74	3,74	0,01	,9138
ABD	1	59,67	59,67	0,19	,6655
CD	1	19,84	19,84	0,06	,8031
ACD	1	24,74	24,74	0,08	,7807
BCD	1	3,00	3,00	0,01	,9228
ABCD	1	58,43	58,43	0,18	,6687
Erro	308	98 100,38	318,51		

O quadro LX contém os valores de F e de significância respeitantes à análise conjunta dos quatro factores que intervêm, de modo mais significativo, na variação do

<sup>1</sup>À semelhança do que ocorre com os próprios inquiridos, a "capacidade explicativa" da escolaridade do pai sobrepõe-se nitidamente à da sua profissão. Análises de variância com três factores (estes dois mais um terceiro: ora a escolaridade do inquirido, ora a residência, ora a relação com a emigração) demonstraram que o efeito da profissão do pai praticamente se anula face aos demais. Assim, seguindo esta lógica, o valor de F obtido pela profissão do pai, com a escolaridade do inquirido e a do pai como variáveis adicionais, reduz-se a 0,01 (p=0,9461).

índice de apreço pelos emigrantes, ou seja, o nível de ensino do inquirido e de seu pai, o lugar de residência e a relação com a emigração<sup>1</sup>. Nele podemos

---

<sup>1</sup>A fim de viabilizar esta análise de variância de 3º grau, agregámos as duas freguesias de Melgaço numa única categoria. Quanto à escolaridade dos pais, distinguímos os que nem sequer completaram o ensino primário dos que o terminaram ou, até mesmo, ultrapassaram. Recordamos que existe "relação com a emigração" sempre que o inquirido foi, ele próprio, emigrante ou, então, pelo menos um dos seus familiares mais chegados (pais, cônjuge ou filhos) o foi ou, eventualmente, ainda o é.

verificar que, mesmo no caso dos três restantes factores permanecerem invariáveis, o nível de ensino do pai dá conta duma parte significativa da variação do índice de apreço ( $F=4,01$  e  $p=0,0460$ ). A observação do quadro LXI permite-nos, de facto, comprovar como as mudanças no nível de ensino do pai se fazem, sistematicamente, acompanhar por alterações importantes nos valores do índice. Independentemente do nível de ensino, da residência e da relação com a emigração, o índice de apreço tende a descer sempre que a escolaridade do pai se eleva. Consolida-se, portanto, a assunção segundo a qual quando a distância social em relação aos emigrantes aumenta diminui o respectivo apreço.

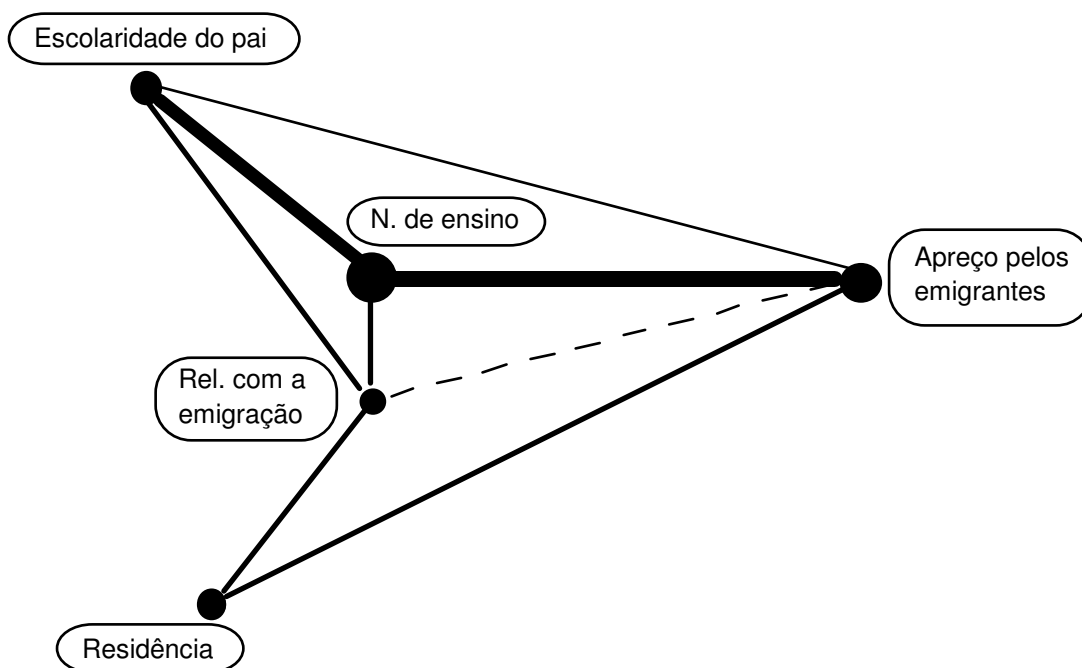
Por idêntico caminho envereda a acção da relação com a emigração. Mal-grado os valores de significância ( $F=3,52$  e  $p=0,0615$ ) raiarem as margens da aceitabilidade, retemos este factor como relevante para a "explicação" da variação do apreço pelos emigrantes. Retornando ao quadro LXI, constatamos que, regra geral, o apreço pelos emigrantes diminui quando transitamos dos inquiridos que ostentam uma ligação íntima e pessoal com a emigração para aqueles que nem eles mesmos nem os seus familiares mais próximos viveram de perto tal experiência.

Pelo que nos foi dado averiguar acerca da acção destes quatro factores sobre o apreço pelos emigrantes, não nos devemos surpreender com o facto de os valores extremos assumidos pelo respectivo índice corresponderem, por um lado, aos residentes menos escolarizados de S. Vítor, com relação com a emigração, cujos pais não completaram os estudos primários (+23) e, por outro, aos residentes das duas freguesias de Melgaço que, sem relação com a emigração, prosseguiram estudos para além do básico tendo, ainda, os seus pais concluído, pelo menos, a instrução primária (-16,7).

Em suma, o conjunto das observações empreendidas no âmbito desta pesquisa parece concorrer para a seguinte conclusão: o apreço pelos emigrantes depende,

principalmente, de quatro factores, pela seguinte ordem de importância: o nível de instrução, a residência e, por último, a escolaridade do pai e a relação com a emigração.

**Gráfico XVII:** Esquema dum modelo explicativo da variação do apreço dos residentes pelos emigrantes



Resultante de toda a série de análises promovidas ao longo desta investigação, o esquema XVII delinea, a traços grossos, uma sinopse da teia das relações<sup>1</sup> estimadas mais relevantes para o equacionamento da variação do apreço dos residentes pelos emigrantes, por outras palavras, propõe um esboço deveras simples e rudimentar dum modelo "explicativo" possível.

O apreço pelos emigrantes depende, fundamentalmente, do nível de ensino; em seguida, do local de residência; por último, e em muito menor grau, da relação com a emigração do inquirido e da escolaridade de seu pai. Por sua vez, o nível de ensino do inquirido depende do do pai, interligando-se, ainda, com a relação com a emigração. Esta, por seu turno, difere em função do local de residência. As restantes variáveis

<sup>1</sup>A grossura dos traços não traduz uma suposta proporcionalidade dos efeitos, indicia, quando muito, a respectiva ordem de importância.

retidas para esta análise e, no entanto, não contempladas na trama deste modelo relevam das seguintes situações: ou não apresentam correlações significativas com o índice de apreço (e.g., sexo e idade) ou essa correlação acaba por se manifestar espúria (e.g., profissão, propriedade do alojamento, número de automóveis possuídos, profissão do pai ou origem geográfica).

O modelo acima proposto não representa nenhuma panaceia. Enferma, pelo contrário, múltiplas e profundas limitações. O âmbito geográfico e social desta pesquisa é por demais estreito e reduzido. O tamanho da amostra, também. O índice construído está muito longe de se aproximar duma medida exacta do que pretende apreender, a variação do apreço pelos emigrantes. Com a agravante de residirem nas próprias virtudes deste modelo alguns dos seus maiores defeitos: transcrição excessivamente simplificada, reductora, mecânica e linear duma realidade preñe de fusionante contingência e polifacetada complexidade. Estamos, ainda, conscientes da eventualidade de outros estudos, projectados noutros moldes, guiados por outras matrizes teórico-metodológicas e desenvolvidos com outros recursos e objectivos, arribarem a outros elencos de factores pertinentes, dispostos, provavelmente, em constelações muito diversas daquela a que chegámos.

Apesar do alcance destes reparos, este modelo coaduna-se com o teor geral das observações promovidas ao longo deste trabalho. Se é verdade que não esgota nem resume a globalidade dos ensinamentos lobrigados, nem por isso deixa de sedimentar e cristalizar algumas das traves mestras que, paulatinamente, se foram gizando.

Não nos coibimos, portanto, de rematar este último capítulo reincidindo na principal conjectura só nele enxergada de maneira sistemática: no posicionamento face aos emigrantes, os efeitos das distâncias no espaço social -na tripla acepção dos níveis de instrução do inquirido e do pai e da relação com a emigração- e no espaço físico não soem agir na mesma direcção; quanto maiores forem a distância social e a proximidade física, no sentido de compressão ecológica provocada pela presença dos emigrantes, menor tende a ser o apreço que lhes é votado.

